

# “Menina de ouro” e a representação de feminilidades plurais<sup>1</sup>

*Vera Fernandes\**  
*Ludmila Mourão\*\**

**Resumo:** Este ensaio teve por objetivo refletir sobre as representações de feminilidade no boxe para mulheres, através da análise do filme “Menina de Ouro” (2004), de Clint Eastwood. Baseado no aporte teórico-metodológico das representações sociais observa-se que a personagem principal da trama, Maggie, é representada como “lutadora” dentro e fora dos ringues. É uma mulher determinada, que assume seus objetivos enfrentando preconceitos e pressões sociais e, assim, afirma feminilidades caracterizadas pela força e virilidade, o que contribui para o processo de desconstrução do mito da fragilidade, historicamente imputado às mulheres.

**Palavras-chave:** Boxe. Mulheres. Feminilidade.

## 1 INTRODUÇÃO

O cinema encontra-se entre as práticas socioculturais mais significativas da modernidade e, para além da diversão, configura-se numa instância formativa de amplo alcance. Os filmes, embora não reflitam a realidade de forma linear, trazem consigo olhares de uma sociedade e, ao mesmo tempo, intencionalidades sobre esta, sendo capazes de exercer influência na formação de mentalidades dos indivíduos (MELO, 2006).

Através dos filmes é possível apreendermos processos de transformações na configuração das representações de gênero,

---

<sup>1</sup>Apoio financeiro: Capes

\*Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: vera.fernandes@gmail.com

\*\*Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

sexuais, étnicas, políticas, econômicas e de classe em uma sociedade. Assim, as produções filmicas são reconhecidas como um relevante documento histórico e um importante objeto analítico para a compreensão de fenômenos sociais (LOURO, 2003).

Este ensaio insere-se no campo de estudos das relações de gênero nas práticas esportivas, onde se encontram, entre outras, as discussões sobre feminilidades e masculinidades. Entendemos o gênero como:

a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O *gênero*, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino (GOELLNER, 2010, p. 75, grifo da autora).

O gênero abrange melhor o que as diversas sociedades e culturas humanas representam sobre feminino e/ou masculino. Faz-se necessário, porém, esclarecer que não se trata de negar a biologia ou tomar a cultura como destino, mas problematizar que as posições e ocupações sociais de mulheres e homens numa dada sociedade são muito mais fundamentadas em contextos culturais do que fruto da anatomia de seus corpos. Nesse sentido, observa-se que a base identitária do gênero é dada pela repetição estilizada dos atos através do tempo e que as possibilidades de transformação se encontram nas relações arbitrárias entre os atos, na possibilidade de outras formas de repetição ou ainda na quebra da repetição subversiva desse estilo (BUTLER, 2010).

No âmbito das práticas esportivas e corporais, historicamente, o boxe está associado ao desenvolvimento e demonstração da virilidade, da força física, da agilidade, do controle da dor e do corpo (WACQUANT, 2002), características que representam o ideal de masculinidade. Às mulheres são incentivadas práticas esportivas e

corporais que busquem, senão potencializar, pelo menos, evidenciar uma feminilidade hegemônica que, somada à beleza e à graciosidade, também lhe confira gestos e comportamentos delicados e passivos (GOELLNER, 2003).

Por isso, um interessante fato que sinaliza para uma transformação na realidade social a ser investigado é a crescente participação das mulheres em esportes considerados historicamente de reserva masculina, que demandam força física e virilidade, como o boxe, a fim de compreender até que ponto essa feminilidade hegemônica é tensionada pela prática do pugilismo pelas mulheres.

No cinema, o boxe também é representado como um esporte masculino. Desde as primeiras décadas do século XX, o pugilismo instigou inúmeros produtores, que difundiram modelos de masculinidade por meio de seus protagonistas homens, sempre incansáveis, valentes e resistentes à dor (MELO; VAZ, 2006). É o que podemos observar em películas como “O Campeão” (1931), a coletânea “Rocky” (1976, 1979, 1982, 1985, 1990, 2006), o recente “O Vencedor” (2010), dentre tantos outros que reafirmaram essa condição.

Essa representação do boxe no cinema começou a ser questionada e desestabilizada no ano 2000 com a estreia de “*Girlfight*”<sup>2</sup>, filme que pouco repercutiu no cenário mundial, e que ousou ao trazer pela primeira vez uma protagonista mulher ao universo pugilístico do cinema. Alguns anos depois estreou a película “Menina de Ouro” (2004) que constitui o objeto de análise deste ensaio. Trata-se de uma obra de Clint Eastwood, ganhadora de quatro Oscars, inclusive o de melhor filme, o que sinaliza sua repercussão mundial e a potencializa como um importante instrumento de expressão, informação e transformação.

---

<sup>2</sup>“*Girlfight*” é fruto do trabalho da escritora/diretora californiana Karyn Kusama. O drama, estrelado por Michelle Rodriguez, conta a história de Diana Guzman, uma adolescente com problemas familiares, refletidos em sua vida social, que resolve canalizar sua agressividade treinando para se tornar uma boxeadora, mesmo sem o consentimento do pai. Para mais, consultar: <http://www.imdb.com/title/tt0210075/>. Acesso em: 17 nov. 2013.

## 2 DESCORTINANDO “MENINA DE OURO”

“Menina de Ouro” conta a história de Maggie Fitzgerald (Hilary Swank), uma mulher americana de 31 anos que vive sozinha em condições humildes, trabalha como garçomete e sonha em se tornar uma boxeadora profissional treinada por Frankie Dunn (Clint Eastwood). Este, por sua vez, é um homem solitário que durante anos treinou e agenciou pugilistas homens de sucesso e possui uma academia de boxe que é gerida por Eddie Scrap (Morgan Freeman), ex-pugilista treinado por Frankie, ajudante e único amigo. Maggie encontra algumas adversidades na busca de seu sonho, como a falta de interesse de Frankie, que lhe diz estar velha demais para iniciar uma carreira como boxeadora, colocando em dúvida seu objetivo de se tornar uma campeã. Apesar disso, ela decide treinar diariamente no ginásio de Frankie e recebe o apoio de Scrap, que a encoraja a prosseguir. Maggie investe em muito treino e, com sua persistência, conquista a confiança e a admiração de todos.

A trama é uma história fictícia inspirada nas experiências reais do falecido treinador californiano de boxe Jerry Boyd (1930-2002), o qual, sob o pseudônimo FX Toler, contou através do livro “*Rope Burns*” (2000) histórias tristes e tensas sobre boxeadores, treinadores, apostadores, vagabundos, mafiosos e muito mais do universo que gira em torno do boxe. Após o sucesso de “Menina de Ouro”, o livro foi reeditado com o nome original do filme “*Million Dollar Baby*”, no ano de 2005. No Brasil, a versão traduzida foi lançada em 2013<sup>3</sup>.

O livro e o filme foram produzidos e lançados, respectivamente, no final do século XX e nos primeiros anos do século XXI. Esse é um período caracterizado, segundo Bauman (2001), pela mudança, pelo rompimento com as tradições. É um tempo marcado pela fluidez, instabilidade e transitoriedade do tempo e nas relações: um tempo líquido<sup>4</sup>.

<sup>3</sup>As histórias que deram origem ao filme “Menina de Ouro” podem ser encontradas em: TOOLE, 2013.

<sup>4</sup>A liquidez é, para Bauman, uma metáfora aos líquidos, cuja característica principal é a fluidez e, dessa forma, moldam-se conforme o recipiente onde estão contidos sem a necessidade de exercermos força; movem-se com facilidade, escorrem, transbordam. Nas relações humanas,

O produtor e diretor Clint Eastwood, em parceria com o roteirista Paul Haggis, traz à tona muito mais do que a história de uma mulher que investe na carreira de boxeadora. A trama se apropria de temáticas diversas pertinentes à contemporaneidade, como a dificuldade nas relações familiares e sociais, além de valores como a amizade, o respeito e a confiança, fundamentais nas relações humanas.

Nossas discussões serão desenvolvidas por meio da apresentação e análise de três cenas do filme, em que é possível verificar, no decorrer da trajetória de Maggie, algumas atitudes e decisões da lutadora em sua interação com Frankie e Scrap, mas que também refletem a transformação na postura do treinador perante a lutadora, que rompe com os preconceitos e discriminações acerca da prática do boxe por mulheres e reafirma outras feminilidades.

Em “Cena 1”, o enfoque principal é a primeira investidura de Maggie sobre Frankie, revelando os preconceitos arraigados do treinador. Em “Cena 2”, evidenciamos a aceitação de Frankie, vencido pela insistência de Maggie. Por fim, em “Cena 3”, o foco recai sobre a mudança de postura de Frankie em relação à lutadora. Dessa forma, passaremos por momentos distintos da trama no que diz respeito à relação de Frankie com Maggie: negação, aceitação e apoio incondicional.

As representações sociais irão nos auxiliar na análise e interpretação das cenas, na medida em que seu interesse é compreender o que as pessoas pensam sobre determinados objetos e, principalmente, como se comunicam a respeito desse objeto, apresentando ideias comuns ou diferenciadas, de acordo com a sua imersão em sistemas distintos de valores (MOSCOVICI, 2007). Nesse sentido, entendemos que elas constituem uma maneira de interpretar e de pensar a realidade; uma forma de conhecimento, elaborada no social, que também cumpre a função de fixar a

---

a liquidez diz respeito à velocidade com que as situações penetram, se adaptam, transformam e, tão rapidamente, abandonam os lugares, as pessoas (BAUMAN, 2001).

posição dos sujeitos e grupos com relação a situações, eventos, objetos e comunicação que lhes concernem. Ou seja, a realidade é socialmente construída (JODELET, 2002).

Dessa forma, a representação de um objeto corresponde ao conjunto de informações, crenças e opiniões acerca dele, e as opiniões são fruto das experiências individuais e das trocas e interações sociais, em que as diferentes mídias, inclusive o cinema, participam ativamente. Por isso, através da análise de “Menina de Ouro”, acreditamos estar, pelo menos em parte, apreendendo um tipo de discurso social vigente sobre a temática do envolvimento feminino em práticas esportivas de combate, como o boxe.

### **3 CENA 1: MULHERES NÃO LUTAM BOXE?**

Iniciamos este tópico a partir da cena relatada a seguir. Frankie está com seu boxeador em um confronto que empolga o grande público presente. De longe, Maggie os observa e aguarda o término da luta. Assim que o treinador atravessa a porta do corredor onde ela se encontra, Maggie o aborda e, a caminho da saída, pergunta a ele se está interessado em treiná-la. Frankie responde: “*Eu não treino garotas*”. Após essa fala, ele vira as costas e vai embora, enquanto Maggie fica parada no local onde conversavam, pensando no que lhe foi dito. Aqui, percebemos, em Frankie, um comportamento ancorado na representação de que boxe é esporte de homem e, em Maggie, a superação da concepção de que os ringues são tradicionalmente masculinos e, portanto, o “não lugar” das mulheres.

Dunning (1992) nos diz, através do exemplo do *rugby* na sociedade britânica, que os esportes que possuem maiores índices de agressividade e violência se tornaram um dos poucos espaços de sociabilidade, identidade e, principalmente, reserva masculina como forma de reação ao aumento do poder político das mulheres e desestabilização do patriarcado. Segundo o autor, nesses espaços os homens poderiam ironizar as mulheres, apontando o uso de recados cantados como uma prática comum para elas se manterem afastadas.

Wacquant (2002), o qual se inseriu como um aprendiz boxeador num *gym*<sup>5</sup> dos guetos estadunidenses, confirma essa perspectiva para o pugilismo. O autor explica que o boxe é um território eminentemente masculino e que, embora não haja uma proibição formal, alguns treinadores chegam a verbalizar sua restrição ao boxe feminino, e a presença das mulheres não é bem aceita nem nos locais de treinamento, pois atrapalha a ordenação simbólica do universo pugilístico.

A partir de determinado momento da história, início do século XIX, em que os argumentos sobre as diferenças naturais foram construídos, as mulheres foram representadas como a parte menos violenta ou “mais civilizada” da sociedade. Dessa forma, no campo das representações sociais, houve certo consenso sobre a concepção de que os esportes de contato, incluindo as lutas, poderiam funcionar como civilizadores e formadores do caráter dos homens; de forma contrária, para as mulheres, a prática desses esportes funcionaria como retrocesso, ou “processo (des) civilizador”. Por serem contrários à natureza feminina e ainda poderem contribuir para o desenvolvimento da violência entre elas, as mulheres deveriam ser “protegidas” de tais práticas (LOVISOLO, 2010).

No entanto, algumas mulheres, indiferentes às convenções sociais, sentem-se seduzidas e desafiadas a aderirem à prática das modalidades consideradas masculinas. É o que observamos em Maggie, que se mostra determinada e insiste em seu objetivo de ser treinada por Frankie, guardando todas as suas economias para investir no boxe. Ela se matricula na academia de Frankie, onde treina sozinha num saco de pancadas, na intenção de chamar a sua atenção. Ele, no entanto, desdenha de sua capacidade, ou das mulheres em geral, para lutar boxe.

Goellner (2003) nos fala que a feminilidade dominante, historicamente construída, atribui a submissão, a fragilidade e a

---

<sup>5</sup>*Gym*: academia de boxe. Para mais, consultar: MARIANTE, F. **Da academia de boxe ao boxe da academia**: um estudo etnográfico. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

passividade a uma “natureza feminina”. Numa concepção hegemônica dos gêneros, feminilidades e masculinidades encontram-se em extremidades opostas (frágil/forte, delicada/viril, passiva/ativo), não existindo outras possibilidades de manifestação de gestualidades e atitudes para mulheres e homens.

Nessa perspectiva, o treinador acredita que Maggie desistirá da ideia de ser uma boxeadora caso seja desestimulada ou se não lhe for dada atenção. Contudo, a lutadora não desiste. Contrariamente, demonstra uma feminilidade diferente, marcada pela determinação e por atitudes mais ativas, resistindo diante das dificuldades. Maggie persiste e recebe o apoio de Scrap. Contrariando as ordens de Frankie, o ex-boxeador percebe “algo” na lutadora. Por isso, lhe dá algumas dicas, um “saco pequeno” e a encoraja a seguir em frente.

Em estudo realizado entre atletas de boxe, caratê, taekwondo e jiu-jítsu, Ferretti (2011) observou que elas não se identificaram com práticas culturalmente femininas, indicadas por seus pais, como o jazz e a natação. Ainda entre a infância e os primeiros anos da adolescência, iniciaram nas lutas (caratê, judô e taekwondo) e por elas optaram como prática esportiva, devido à identificação com um “quê” diferente. Essas mulheres, hoje, são atletas adultas reconhecidas mundialmente.

Por outro lado, não podemos deixar de destacar, no filme, a participação de Scrap como incentivador de Maggie, funcionando na história como um tutor que, embora não tenha autonomia para treiná-la, participa do processo de aproximação da lutadora com Frankie. No estudo de Ferretti (2011), esses tutores, normalmente, são os próprios treinadores, que percebem nessas mulheres um potencial para o esporte, podendo também ser amigos e, por vezes, os pais, principalmente nos casos em que estes também são esportistas.

Maggie, porém, sabe que seu sonho poderia não se tornar realidade sem a participação de Frankie. Em dúvida, diante de todas as críticas recebidas, a lutadora sente-se abalada; contudo, ainda assim, não desiste de tentar.

#### **4 CENA 2: PERSISTÊNCIA E RESISTÊNCIA NA CONSTITUIÇÃO DE UM(A) ATLETA DE BOXE**

Primeiramente, destacamos a cena em que, em um cenário de meia luz, Maggie, na noite de seu trigésimo segundo aniversário, treina sozinha em um “saco menor” comprado com suas economias, na academia de Frankie. Ele se aproxima e critica a *performance* e a atitude da lutadora. Como reação, mesmo fragilizada perante as duras palavras do treinador e o receio de seu objetivo não se concretizar, a lutadora afirma que não está pedindo um favor, insistindo que o quer como treinador. Contrariado, mas vencido pela determinação de Maggie, Frankie admite treiná-la sob determinadas condições, mas ainda não aceita agenciá-la. A principal condição estabelecida pelo treinador é a de que ela nunca o questione. Frankie é incisivo com a lutadora: “*Eu vou tentar esquecer o fato de que você é uma garota. [...] E não chore se você se machucar. [...] Não me interessa se perder os dentes, não me interessa*”.

Frankie fala de sua própria dificuldade em aceitar a treinabilidade das mulheres para o boxe e também sobre a sensibilidade e fragilidade feminina, o que poderia se tornar um entrave. Sobre esses fatos assumimos duas interpretações. A primeira diz respeito à perspectiva histórica de que as mulheres não teriam condições físicas, fisiológicas e psicológicas para arcar com a pesada rotina de treinos e a possibilidade de ferimentos e lesões, por sua natureza delicada.

O mito da fragilidade e delicadeza feminina influenciou na participação das mulheres em modalidades esportivas de maior impacto e desgaste. O caso do atletismo em Olimpíadas é um interessante exemplo para pensarmos essa perspectiva. Desde a primeira autorização à participação das mulheres na segunda edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no ano de 1900, na cidade de Paris, algumas provas do atletismo foram vetadas a elas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Acreditava-se que os saltos e as corridas de meio fundo e fundo acarretariam danos aos órgãos reprodutores, comprometendo sua “nobre” função de ser mãe (MIRAGAYA, 2002).

Ainda tendo os Jogos Olímpicos como referência, encontramos algumas modalidades de lutas sendo reconhecidas para os homens muito antes do que para as mulheres. O judô para homens estreou em 1968 e, para mulheres, apenas em 1992, 24 anos depois; a luta estilo livre estreou em 1904 para homens e 100 anos depois para mulheres, em 2004; e o boxe estreou em 1904 para homens e 108 anos depois, em 2012, para as mulheres. O taekwondo é a única modalidade de luta que estreou simultaneamente para eles e para elas, no ano de 2000; já a luta greco-romana, que estreou em 1896, ainda é exclusivamente masculina<sup>6</sup>.

Nosso argumento é que os discursos sobre a fragilidade feminina, a beleza e a graciosidade e a preservação da maternidade, ancorados na biologia e na anatomia de seus corpos, que se fizeram presentes historicamente, ainda persistem na atualidade, justificando as interdições e discriminações. Porém, a insistência das mulheres<sup>7</sup> e o protagonismo de alguns incentivadores da participação feminina nos esportes impulsionaram e impulsionam a inserção das provas femininas em Olimpíadas, incentivando a participação nas práticas esportivas como um todo.

O segundo ponto relacionado à resistência de Frankie encontra-se na possibilidade de o treinador não querer/saber lidar com uma mulher: uma novidade, não apenas em sua carreira, já que por anos treinou e agenciou apenas pugilistas homens, mas também no cenário do boxe como um todo. Frankie se viu diante de uma nova configuração nas estruturas das relações de gênero, para ele difícil de ser aceita: o interesse e a ousadia das mulheres na busca por uma carreira como boxeadora.

---

<sup>6</sup>Dados de CARVALHO, 2002, Atualizado através de informações do Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

<sup>7</sup>Internacionalmente, a francesa Alice Milliat foi impulsionada a reivindicar ao COI o direito de as mulheres terem o mesmo programa olímpico que os homens. A negativa do COI inspirou a fundação da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), em 1921, que, em 1922 na cidade de Paris, organizou a primeira edição dos Jogos Olímpicos Femininos para exclusiva participação das mulheres, tendo reunido mais de vinte mil espectadores e atletas em onze provas. A partir da segunda edição, a FEFI reeditou o evento com o nome de Jogos Femininos Mundiais (*The Women's World Games*), a cada quatro anos, até 1934, com um programa de provas maior que o olímpico, o qual incluía modalidades proibidas pelo COI, como as provas de salto e longas distâncias do atletismo (MIRAGAYA, 2002).

Wacquant (2002) comenta que alguns especialistas “queixam-se, às vezes, da regulamentação cada vez mais impositiva da violência pugilística, que eles denunciam como uma ‘feminização’ do boxe capaz de desnaturá-lo [...]” (p. 69). Ou seja, o boxe pode ser considerado como uma das máximas da “violência controlada”, a qual seus idealizadores e admiradores temem perder pela presença feminina.

Melo e Vaz (2006, p. 143) confirmam uma “pasteurização” sofrida pela modalidade no decorrer dos tempos, como o uso de protetores nas mãos e capacete, por amadores. No entanto, trata-se de modificações nas regras que atendem às transformações sociais de aceitação dos níveis de agressividade e visam manter a integridade física de todos os atletas, não se devendo à inserção das mulheres. Noutra perspectiva, porém, afirmam que, apesar dessas transformações, o boxe “ainda é um esporte considerado muito violento, sendo marcantes as imagens sujas de corpos machucados, suor, sangue”.

Nesse sentido, a feminilidade hegemônica não se identificaria com boxe, por suas características de delicadeza, fragilidade, beleza e graciosidade. Entretanto, cabe problematizar que determinadas práticas corporais e esportivas consideradas femininas, como o balé clássico, demandam ensaios/treinamentos que exigem resistência à dor, superação de limites, além do risco de lesões. Aspectos estes que tensionariam essa construção hegemônica de feminilidade, contudo, encontram-se encobertas pela graciosidade e delicadeza inscritas no corpo e gestualidades das bailarinas<sup>8</sup>.

Dessa forma, afirmamos que a feminilidade encontra diferentes formas de se manifestar e vivenciar e, na atualidade, apresenta-se em formas fluidas, inconstantes e múltiplas, encontrando no esporte ambiente propício para trocas e enfrentamentos. Maggie revelou-

<sup>8</sup>Uma interessante película para problematizar questões sobre o treinamento e prática do balé clássico encontra-se em “Cisne Negro”, do diretor Darren Aronofsky, com estreia em fevereiro de 2011. Para mais, consultar: [http://www.imdb.com/title/tt0947798/?ref\\_=fn\\_al\\_tt\\_1](http://www.imdb.com/title/tt0947798/?ref_=fn_al_tt_1). Acesso em: 09 jun. 2014.

se uma boxeadora que se identificou com esporte, vencendo as lutas diárias, superando os desafios do boxe e dos homens, com coragem e determinação.

### **5 CENA 3: DOR E CONFIANÇA NA CONSTITUIÇÃO DA LUTADORA**

A cena ora analisada apresenta a seguinte situação: Maggie pergunta a Frankie se ela está preparada para o seu primeiro confronto. O treinador diz que ela precisa encontrar um agente e testar. Maggie, então, encara a sua primeira luta em um ginásio simples, após certo período de treinos, sem o agenciamento de seu treinador, que fica de longe observando o confronto. Incomodado com o mau desempenho de Maggie, embora ciente de sua capacidade, Frankie se aproxima, lhe dá algumas dicas e assume publicamente sua condição de treinador responsável pela lutadora, a qual, então, vence por nocaute.

A partir desse momento, o modo de olhar do treinador se transforma, e ele passa a acreditar na lutadora. Foi preciso que Maggie provasse, na prática, o seu talento no boxe para, dessa forma, selar a confiança entre ambos. E, conforme a confiança do treinador em Maggie aumentava, também crescia a confiança dela em si própria. A atleta mostrou que não queria um tratamento diferenciado por ser uma mulher, mas, sim, o melhor treinamento possível, o que foi por ela vislumbrado em Frankie.

De forma semelhante, mulheres inseridas em outras modalidades de demonstração de coragem e resistência mostraram-se perseverantes para se firmarem no esporte. Adelman (2003) entrevistou amazonas que afirmaram não aceitar serem tratadas com diferença por sua condição de mulher e, por isso, não permitiam que seus treinos fossem mais leves que os dos homens. Elas negam o medo e assumem os riscos da prática do hipismo como um prazeroso desafio. Também as *skatistas* entrevistadas por Figueira (2008), embora reconheçam que o esporte ainda deixe pouco espaço para as mulheres, argumentam que o *skate* não é apenas para homens e que não têm medo de se machucarem. Elas

demonstram coragem, ousadia, resistência e bons resultados nas rampas e pistas. E, no cenário das lutas, a pesquisa de Moura *et al.* (2010) com uma lutadora profissional de MMA mostra que a atleta também não aceita ser tratada com diferença por ser uma mulher, desde o início de sua carreira, ainda no jiu-jítsu, uma vez que, no seu entender, trata-se de um esporte de técnica e não, prioritariamente, de força.

Da mesma forma, em seu objetivo de se tornar uma vencedora nos ringues e na vida, Maggie encarou com bom humor e dedicação as adversidades e os percalços inerentes ao boxe. Após a luta em que teve o nariz quebrado, a lutadora, feliz com o seu desempenho, sorria, certa de que esta seria uma situação rotineira do esporte que escolheu.

Para além do boxe, os laços afetivos entre atleta e treinador também se estreitaram. E, assim, Maggie se torna uma pugilista de sucesso, como sonhara desde o momento em que insistiu para que Frankie a treinasse. Mesmo em meio a certos momentos de incerteza e fragilidade, a atleta encarou o desafio de se tornar uma pugilista sob as condições impostas e, no decorrer de sua preparação e lutas, aprendeu a resistir à dor.

Segundo Wacquant (2002), os boxeadores são seres humanos como quaisquer outros, que não gostam de sentir dor. No entanto, eles conseguem elevar bastante o seu limite de tolerância à dor, pois se submetem a ela de forma controlada e rotineira. E essa aparente indiferença à dor combina-se com a aquisição da forma de sangue-frio própria ao boxe. Ou seja, mais do que aprender a suportar os golpes do adversário, é necessário aprender a resistir à emoção, cuja reação primeira seria dobrar-se numa tentativa de autoproteção (WACQUANT, 2002).

Nessa perspectiva, Scrap, em narração, diz que o boxe é antinatural porque nele tudo é ao contrário e afirma que “*em vez de fugir da dor, como uma pessoa sã faria, você vai atrás dela*”. Essa condição é comum entre as películas que trouxeram homens pugilistas como personagem principal em demonstração de virilidade.

Melo e Vaz (2006, p. 157) nos falam que:

O que se exhibe com exaustão é a figura do combatente, guerreiro incansável, que enfrenta com obstinação infinita todos os desafios, superando as máculas corporais para atingir seus objetivos. São pugilistas que se superam, disputam combates ainda que machucados, vencem os limites corporais e se tornam vitoriosos perante outro lutador que, ainda que dispendo de melhores condições, não possui o seu elã masculino. [...] aprender a suportar a dor é uma prova de virilidade, afinal, *boys don't cry*.

Maggie foi retratada com essa mesma coragem, ousadia e resistência nos ringues: nos confrontos, podemos visualizá-la com seu rosto machucado – olhos inchados, ferimento nos lábios – sem desistir da luta frente ao ferimento ou à dor, inclusive em seu último confronto diante da boxeadora desleal que lhe aplica golpes não permitidos na modalidade. Vê-se que estamos diante de cenas em que a feminilidade é assinalada pela coragem, resistência e força, atitudes ativas dentro e fora dos ringues.

Após inúmeras vitórias, um último desafio mudaria para sempre suas vidas. Em um ginásio lotado devido à presença de Maggie numa das lutas, Frankie recebe o convite para que sua atleta dispute o título mundial de sua categoria. O treinador sente-se dividido: por um lado, acredita que Maggie tem todo o necessário para encarar a maior provação de sua carreira; por outro, mostra-se preocupado com a integridade física de Maggie, recusando, em um primeiro momento, a proposta.

A lutadora, porém, convence o treinador a aceitar o confronto argumentando que, após tantas lutas, nunca tinha sido nocauteada. A confiança de Frankie em Maggie pode ser constatada num diálogo do treinador com Scrap sobre a disputa do título mundial, quando este diz a Frankie: “*Diga para Maggie não voltar sem o título*”. E o treinador responde: “*Voltaremos com ele*”.

Do primeiro encontro entre Maggie e Frankie para este momento, é notável a transformação do treinador perante sua

atleta. Do olhar preconceituoso à total confiança, a segurança de Maggie sobre ela mesma também se transformou. As dúvidas sobre sua capacidade anularam-se com seus resultados e pela confiança assinalada por seu treinador e Scrap, mas também pelo carinho e respeito que vinha do público.

De acordo com Bauman (2005), as sociedades na atualidade são caracterizadas como “individuais”, onde o indivíduo encontra-se sozinho e dependente apenas de si para fazer suas escolhas, pensamentos e ações, em vez de unificar uma condição humana regida pela cooperação e solidariedade. No entanto, esse mesmo indivíduo encontra na “comunidade” um meio para se apoiar e interagir com seus pares, cujos interesses são semelhantes. Passa a existir uma forma de ação coletiva em que as responsabilidades e as consequências são divididas.

Dessa forma, se, por um lado, a individualidade, a transitoriedade, a fluidez e a momentaneidade do tempo e das relações geram insegurança, de outro, o engajamento em comunidade faz com que o indivíduo a entenda como porto seguro. Em “Menina de Ouro”, Maggie encontrou no boxe o seu porto seguro, a sua comunidade, e construiu de forma particular seu modo de ser feminina com garra, ousadia e coragem, sem abrir de mão de sua delicadeza e fragilidade nos momentos em que sentiu a necessidade de manifestar.

Percebemos – e a película analisada reflete bem – que as mulheres que investiram em esportes não convencionalmente femininos possuem um objetivo comum de romper as barreiras e vivenciar o diferente, até então. Com treinamento adequado e superação dos preconceitos, é possível às mulheres se constituírem como atletas, atendendo às demandas exigidas pela modalidade esportiva escolhida de modo a incorporar os preceitos e normas já firmados.

Por fim, observamos que o diretor de “Menina de Ouro” problematiza algumas transformações e conquistas das mulheres no cenário esportivo na primeira década do século XXI. Através do

boxe, retratou os investimentos das mulheres na profissionalização em esportes considerados de reserva masculina; demonstrou alguns possíveis entraves encontrados por essas mulheres no processo de inserção na modalidade, mas também apontou um possível caminho de entrada. Além disso, confirmou a competência feminina nos esportes de combate. Sua obra encantou o mundo e, por sua repercussão mundial, destacamos a possibilidade de sua influência para o aumento do número de boxeadoras em todo o mundo, inclusive em nosso país.

## **6 APONTAMENTOS FINAIS**

O uso do filme “Menina de Ouro” para este estudo mostrou que o cinema, em especial as películas de grande repercussão mundial, é uma interessante ferramenta para a problematização de questões relativas aos estereótipos de gênero nos esportes de combate. A representação do boxe nos cinemas não é recente, mas por muito tempo trouxe nas tramas apenas protagonistas pugilistas homens. O filme em questão participa da quebra desse ciclo por meio da história de Maggie, uma mulher que transpõe as barreiras do gênero para se tornar uma vitoriosa nos ringues e na vida.

A lutadora insistiu e investiu em uma carreira no boxe em meio a preconceitos e obstáculos até conseguir conquistar a confiança e a admiração de todos. Contou com o apoio de Scrap, que funcionou como um tutor e mediador entre a atleta e o treinador. Este, por sua vez, aceitou o desafio de ensinar a Maggie tudo de que ela precisava para ganhar “um milhão de dólares”. Além disso, Frankie transformou seu olhar sobre a prática do boxe por mulheres e sua relação com a lutadora, a partir do reconhecimento de sua habilidade e competência para o esporte, assim como através do estreitamento da confiança e dos laços afetivos.

Foi possível também perceber a participação do boxe na construção de formas plurais de feminilidades marcadas pela força, determinação, ousadia, virilidade, garra e coragem. A

escolha pelo boxe é feita por mulheres audaciosas que querem experimentar outras formas de se constituírem femininas. A trajetória de Maggie evidenciou o quanto é conturbado para uma mulher o processo de inserção nessa prática. Algumas questões entram na luta, como a delicadeza e a graciosidade esperadas da mulher, além da perspectiva de fragilidade e passividade.

A análise da película possibilitou apreender que a trama buscou demonstrar, na temática da mulher que almeja a carreira de boxeadora, a capacidade feminina para o boxe, de forma a desconstruir uma histórica representação de delicadeza e passividade. Mais que isso, mostrou que a tutoria, somada à confiança entre treinador e atleta, possui importante valor para a ascensão das mulheres no pugilismo.

**“Million dollar baby” and the multiple representations of femininity**

**Abstract:** This essay reflects on the representations of femininity in women’s Boxing, by analyzing Clint Eastwood’s film “Million Dollar Baby” (2004). Based on a theoretical and methodological approach of social representations, the plot’s leading character Maggie is found to be represented as a “fighter” both in and out the Boxing ring. She is a determined woman who faces social pressures and prejudice while pursuing her goals in life. Meanwhile, she shows strength and virility, which contributes to the deconstruction process of the myth of fragility, historically attributed to women.

**Keywords:** Boxing. Women. Femininity.

**“Million dollar baby” y la representación de feminidades plurales**

**Resumen:** Este ensayo tuvo por objetivo reflexionar sobre las representaciones de feminidades en el boxeo para mujeres, a través del análisis de la película “Million Dollar Baby” (2004), de Clint Eastwood. Basado en el aporte teórico-metodológico de las representaciones sociales, se observa que el personaje principal de la trama, Maggie, se representa como una “luchadora” dentro y fuera de los cuadriláteros. Es una mujer determinada, que asume sus objetivos enfrentando prejuicios y presiones sociales y, así, afirma feminidades caracterizadas por la fuerza y virilidad, lo que contribuye para el proceso de desconstrucción del mito de la fragilidad, históricamente imputado a las mujeres.

**Palabras clave:** Boxeo, Mujeres, Feminidad.

## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Mírian. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BUTLER Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARVALHO, Alexandre Medeiros Jorge de. A participação feminina nos Jogos Olímpicos. *In*: TURINI, Márcio; DA COSTA, Lamartine. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. 2002. v. 1. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/>>. Acesso em: 06 dez. 2013.
- DUNNING, Eric. O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. *In*: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho. **A formação da lutadora**: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza. **Skate para meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. 2008. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, feminina e maternal**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 17-44.
- LOURO, Guacira Lopes. Cinema como pedagogia. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia. Greive (Org.). **500 Anos de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2003. p. 423-446.
- LOVISOLO, Hugo. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizado. **Logos**: comunicação e esporte, v. 17, n. 2, 2. sem. 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/854/782>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

MELO, Vitor Andrade de. **Animação cultural**: conceitos e propostas. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

MELO, Vitor Andrade de; VAZ, Alexandre Fernandez. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 139-160, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1409/1276>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. *In*: TURINI, M; DA COSTA, L. (Ed.) **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. v. 1, p. 763-792.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOURA, Diego Luz *et al.* Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 13, nov. 2009/fev. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1304.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

TOOLE, F. X. **Menina de Ouro**. Tradução de Rubem Fonseca, Carlos Heitor Cony, Moacyr Scliar, Marçal Aquino, Luiz Fernando Emediato e Sérgio Dávila. Nova Iorque: Geração, 2013.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Endereço para correspondência

Vera Fernandes

Rua Vilela Filho, n 51/102, Santa Helena, Juiz de Fora, Minas Gerais

CEP: 36015-280

Recebido em: 01.04.2014

Aprovado em: 25.06.2014